

## PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICO-SEMIÓTICA NO PROCESSO DE LEITURA DA OBRA *MEU CORPO MINHA CASA* DE RUPI KAUR: O CORPO COMO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA

Daiane Anelise Artus<sup>1</sup>  
Márcia Adriana Dias Kraemer<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A obra *Meu Corpo Minha Casa*, publicada em 2020, é uma coletânea de poemas da autora Rupí Kaur, uma artista jovem que se destaca pela forma como realiza uma escrita íntima marcada pela profundidade emocional. A autora canadense de origem indiana ganha visibilidade por meio de suas publicações realizadas na *Internet*, mais especificamente na rede social *Instagram*, sendo reconhecida como uma instapoeta em razão da grande circulação digital de sua produção. No prefácio da obra, Rupí Kaur revela alguns detalhes de sua trajetória pessoal, marcada pela mudança da Índia para o Canadá na condição de refugiada. Segundo a autora, essa experiência é marcada por choques culturais e por processos de adaptação social, temas que aparecem significativamente em sua produção poética, sobretudo nas questões relacionadas à identidade, às relações afetivas e às experiências corporais.

*Meu Corpo Minha Casa* é dividido em quatro capítulos: mente, coração, repouso e despertar, nos quais Kaur (2020) aborda questões como o amor, o corpo, o abuso sexual e psicológico, as relações afetivas e o processo de cura, articulando-as, por meio da conexão entre palavras e desenhos, a reflexões sobre vulnerabilidade, resistência e empoderamento. Nesse sentido, a linguagem, como fenômeno social e ideológico, é um espaço de construção de sentidos que redefinem as relações de poder e as contradições existentes na sociedade. A produção da autora é uma referência, uma vez que serve como meio para observar como a figura feminina expressa, por meio das linguagens, experiências de violação, resistência e libertação.

Diante disso, a delimitação temática desta pesquisa focaliza a Prática de Análise Linguístico-Semiótica - PAL-S no processo de leitura da obra *Meu Corpo Minha Casa*, da autora Rupí Kaur (2020), com destaque para as representações do corpo feminino como território de resistência, pertencimento e reconstrução identitária. Esse foco justifica-se diante das discussões contemporâneas acerca das múltiplas formas de produção de sentidos nos textos literários multimodais, especialmente aqueles que articulam linguagem verbal, visual e simbólica na constituição de experiências subjetivas e sociais.

Assim, a pergunta que norteia a investigação é: *em que medida a leitura reflexiva e crítica da obra Meu Corpo Minha Casa possibilita o (re)conhecimento das intencionalidades discursivas do gênero autobiográfico, considerando os processos*

<sup>1</sup> Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Chapecó. artusdaiane@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Orientadora. Professora do Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, *Campus* Realeza, e da Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma instituição, *Campus* Chapecó. marcia.kraemer@uffs.edu.br

*de construção de significados e produção de sentidos no âmbito da análise linguístico-semiótica?* Essa questão emerge da necessidade de entender a palavra poética como lugar de materialização de conflitos, resistências e ideologias, reconhecendo na linguagem um campo de disputa simbólica que, segundo Bakhtin (2016[1979]), revela o embate de vozes sociais em permanente diálogo.

Diante disso, o objetivo geral, subsidiado pelos pressupostos teóricos acerca dos estudos dialógicos da linguagem, com ênfase nos gêneros discursivos, propõe-se a responder à pergunta de pesquisa, no intuito de compreender em que medida a leitura reflexiva crítica da obra *Meu Corpo Minha Casa*, subsidiada pela PAL-S (Kraemer, 2024), possibilita (re)conhecer as intencionalidades discursivas do gênero em estudo, por meio da construção de significados (metalinguagem) e da produção de sentidos (epilinguagem). Os objetivos específicos, por conseguinte, correspondem a: a) investigar a literatura especializada acerca da perspectiva dialógica e dialética da linguagem; b) pesquisar sobre a PAL/S no processo de leitura do gênero literário poesia autobiográfica; c) refletir de forma crítica acerca da obra *Meu Corpo Minha Casa*, subsidiada pela PAL-S no processo de leitura.

Nessa perspectiva, o estudo torna-se importante pela necessidade de aprofundar as discussões sobre a articulação entre linguagem, leitura e produção de sentidos, bem como de investigar as contribuições da PAL-S para o desenvolvimento de uma leitura reflexiva crítica (Kraemer, 2024) no contexto da poesia autobiográfica contemporânea. A reflexão sobre as formas pelas quais o corpo feminino é discursivamente construído e ressignificado na contemporaneidade possibilita compreendê-lo como território simbólico, histórico e político, evidenciando como as intencionalidades discursivas do gênero autobiográfico articulam experiências individuais e coletivas na construção de significados e na produção de sentidos.

## 1 METODOLOGIA

Os estudos da linguagem, na perspectiva dialógica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016[1979]; Volóchinov, 2018[1929]; Medviédev, 2012[1928]), constituem um aporte teórico e metodológico de extrema importância para a compreensão das relações entre linguagem, sujeito, ideologia e produção de sentidos nos diferentes campos da atividade humana. Nesse contexto, a linguagem é concebida como prática social e histórica, com relações ideológicas que se materializam nos enunciados concretos. A compreensão disso torna-se relevante para esta pesquisa, uma vez que a PAL-S, aplicada ao processo de leitura da obra em foco, requer a observação e a análise das múltiplas vozes, posicionamentos axiológicos e elementos multissemióticos que constituem a escrita autobiográfica contemporânea.

Assim, o dialogismo, que entende a linguagem como um processo altamente interativo e que se concretiza por meio de enunciados constituídos sempre na relação com o outro, permite compreender que as vozes presentes na obra de Kaur (2020) não se organizam de maneira isolada, mas estabelecem relações com outros discursos sociais, históricos e ideológicos, produzindo sentidos a partir dessa interação entre diferentes vozes sociais.

Nesse contexto, o Círculo de Bakhtin se opõe à ideia de que a língua é apenas um conjunto de regras e propõe que a linguagem é um fenômeno social e ideológico, concentrado nas condições axiológicas e valorativas e nos mecanismos de produção do discurso. Nessa perspectiva, como abordagem, a pesquisa é

qualitativo-interpretativa de acordo com os preceitos da Linguística Aplicada - LA (Moita-Lopes, 2006; Kleiman, 2008a; 2008b; Kleiman; Vianna; De Grande, 2019) por compreender que os processos de leitura e significação são constituídos pelas experiências sociais, pelas condições de produção dos enunciados e pelas relações ideológicas. A partir dessa contextualização da obra e da metodologia adotada, o presente estudo propõe-se a analisar de que modo a leitura é contemplada no material, tomando como referencial teórico a concepção de linguagem como interação discursiva em diálogo com os pressupostos da LA, por meio da abordagem do Materialismo Histórico e Dialético – MHD (Marx, 2011[1867]; Marx; Engel, 2008[1848]), que visa a refletir acerca do objeto de estudo em sua totalidade ao compreender as transformações históricas e as contradições presentes no material analisado.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os estudos do Círculo de Bakhtin apresentam uma concepção de linguagem fundamentada em bases materialistas, na qual se compreende que os processos discursivos se constituem nas relações sociais e históricas vivenciadas pelos sujeitos em seus contextos de interação. Nessa perspectiva, Bakhtin (2017[1979]) afirma que “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem [...]” e que “[...] o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” (Bakhtin, 2017[1979], p. 261).

Essas reflexões demonstram que a linguagem se constitui nas práticas sociais e nas interações humanas, constituídas por valores, ideologias e condições históricas de produção. Assim, ela não pode ser compreendida como um sistema abstrato e isolado dos sujeitos e das condições concretas em que os discursos são produzidos. Nesse viés, Bakhtin (2017[1979], p. 262) afirma que

Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional- estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação. (Bakhtin, 2017[1979], p. 262).

Nesse sentido, compreende-se que tal perspectiva é fundamental para a análise da obra em estudo, uma vez que os sentidos produzidos relacionam-se às experiências sociais, históricas e subjetivas que constituem o discurso autobiográfico contemporâneo. Isso mostra que, embora o enunciado seja uma fala individual, possui elementos constitutivos da interação e práticas sociais em que está inserido. Nessa linha, Bakhtin (2017[1979]) acrescenta que os gêneros discursivos se dividem em primários, que surgem em situações de comunicação cotidiana e informal, e secundários, associados aos campos de atividades de contextos formais, como a arte, a ciência ou a religião:

A diferença entre os gêneros primários e secundário (ideológicos) é de extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger suas facetas mais importantes). (Bakhtin, 2017[1979], p. 264).

Entende-se, pois, que a diferença entre o gênero primário e o secundário não é uma variação qualquer, visto que cada um possui uma forma própria de organização e finalidade. Os gêneros secundários são elaborados a partir da interação cotidiana, da conversa informal, ou seja, se apropriam de gêneros primários, transformando-os em algo novo. Nesse sentido, a obra de Kaur, insere-se no campo artístico-literário como um gênero discursivo secundário que mobiliza experiências subjetivas e sociais por meio da conexão artística entre linguagem poética, desenhos e escrita autobiográfica. A obra cria experiências relacionadas ao corpo, à memória, ao trauma, à afetividade e à resistência feminina, transformando vivências individuais em discursos que refratam questões sociais e históricas mais amplas.

Bakhtin (2017[1979]) afirma, ainda, que a língua passa a integrar a vida por meio de enunciados concretos, “[...] é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (Bakhtin, 2017[1979], p. 264). Tal formulação destaca a relação indissociável entre linguagem e vida social, indicando que os enunciados não apenas refletem as experiências humanas, mas também participam ativamente da constituição dessas experiências. Diante disso, a autobiografia de Kaur (2020) constitui-se não apenas como uma manifestação literária, mas também como um espaço privilegiado de encenação da heteroglossia em que diferentes vozes sociais, culturais e históricas entram em diálogo, confronto e interação na construção dos sentidos.

Em *Teoria do Romance II: As Formas do Tempo e do Cronotopo*, Bakhtin formula o conceito de *cronotopo* a partir da análise do romance grego, definindo o chamado *tempo aventureso* como um tempo marcado pela imprevisibilidade e pelo acaso no desenvolvimento da narrativa. Entretanto, o conceito de cronotopo não se restringe à análise dos romances antigos, podendo ser ampliado para outras formas literárias em que as relações entre tempo e espaço contribuem para a construção da experiência humana.

Nesse sentido, sua análise torna-se fundamental, uma vez que, na poesia contemporânea de Kaur (2020), o cronotopo não se organiza pela aventura externa do herói, mas pela experiência subjetiva do corpo feminino, da memória, da migração e do pertencimento. A partir dessa perspectiva, observam-se a estruturação de vivências emocionais, afetivas e identitárias que atravessam a obra. O cronotopo de um texto, portanto, é indissociável da concepção de homem e de mundo que nele está inserido:

Ademais, não se pode nem falar da reverberação de uma época fora do curso do tempo, fora de uma relação com o passado e o futuro, fora da plenitude do tempo. Onde não há um curso do tempo, não há tampouco o elemento temporal na acepção plena e essencial desse termo. A atualidade, tomada fora de sua relação com o passado e o futuro, perde sua unidade, dissipa-se em fenômenos e objetos singulares, tornando-se um conglomerado destes (Bakhtin, 2017[1979], p. 91).

A partir disso, entende-se que a reverberação, nesse contexto, significa algo como o eco, ou seja, a continuidade e os efeitos de uma época ao longo do tempo, reforçando a linguagem como relação. Sob essa perspectiva, os sentidos produzidos nos discursos não se encerram em uma temporalidade imediata, mas constituem-se na relação contínua entre passado, presente e futuro, de modo que toda experiência

humana relaciona-se em uma dinâmica de memória, ressignificação e continuidade histórica.

### 3 ANÁLISE

O primeiro capítulo de *Meu Corpo Minha Casa*, de Kaur (2020), assim como a obra, de modo geral, é muito profundo. Na primeira página, a autora afirma nunca ter estado em um lugar tão sombrio quanto aquele em que ela está inserida. Trata-se, a partir da leitura que se realiza neste trabalho, de um lugar escuro, demasiadamente triste e solitário, decorrente da experiência desse sujeito com determinadas realidades humanas. Para se explorar como a experiência desse sujeito é construída no poema, inicia-se a análise com o trecho no qual a autora traz a sombra para caracterizar o seu sentimento em relação ao lugar onde ela se encontra:

Trecho I  
nunca estive num lugar tão sombrio quanto este



Fonte: Kaur (2020, p. 9).

Segundo o Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016[1979]; Volóchinov, 2017[1929]), os elementos que constituem o enunciado só adquirem sentido quando incluídos em sua dimensão contextual. Nesse viés, direcionando o olhar para a palavra “lugar” isoladamente, esta não expressa um espaço físico específico, sua acepção é produzida a partir das condições sociais, históricas, culturais e ideológicas das relações afetivas que constituem a voz da figura feminina que escreve.

Nessa perspectiva, no trecho analisado, “lugar sombrio” indica uma condição de existência marcada pelo sofrimento, que é reforçada pela representação da imagem da mulher, com o corpo curvado, logo a seguir. Nessa conjuntura, a palavra e a representação gráfica estão diretamente relacionadas, uma vez que representam uma experiência repleta de dor que singulariza, mas também dialoga com discursos coletivos sobre traumas e vulnerabilidade.

Para Bakhtin (2018[1979]), o cronotopo funciona como centro organizador do gênero literário, pois articula acontecimentos, experiências, personagens e condições históricas que estruturam a produção dos sentidos. Na obra da autora, observa-se a constituição de um horizonte cronotópico, que organiza os acontecimentos, é marcado por experiências de violência, trauma e resistência, organizadas discursivamente a partir da voz feminina que enuncia:

O cronotopo tem um significado fundamental para os gêneros na literatura. Pode-se dizer, sem rodeios, que o gênero e as modalidades de gênero são determinados justamente pelo cronotopo, e, ademais, que na literatura o princípio condutor no cronotopo é o tempo. O cronotopo como categoria de conteúdo-forma determina (em grande medida) também a imagem do homem na literatura; essa imagem sempre é essencialmente cronotópica. (Bakhtin, 2018 [1979], p. 12).

O poema indica, portanto, um horizonte cronotópico específico, ou seja, existe um tempo e um espaço que organiza a experiência vivida por essa mulher. Para Bakhtin (2018[1979]) o cronotopo é, neste caso, a poesia, pois liga acontecimentos, o espaço, a personagem, as circunstâncias imediatas e históricas que envolvem o texto.

No fragmento em análise, percebe-se que é estabelecido um cronotopo direcionado à interioridade emocional e não a um espaço físico. Embora a palavra *lugar* sugira espacialidade, ela possui um sentido diferente, metafórico, capaz de comunicar e tocar o leitor de um estado emocional e existencial pelo qual essa figura feminina está passando. A voz feminina que se manifesta escreve a partir de um passado traumático, de relações sociais que silenciam o sofrimento e de práticas discursivas que inscrevem o corpo como lugar de marca e resistência:

Ademais, não se pode nem falar da reverberação de uma época fora do curso do tempo, fora de uma relação com o passado e o futuro, fora da plenitude do tempo. Onde não há um curso do tempo, não há tampouco o elemento temporal na acepção plena e essencial desse termo. A atualidade, tomada fora de sua relação com o passado e o futuro, perde sua unidade, dissipa-se em fenômenos e objetos singulares, tornando-se um conglomerado destes. (Bakhtin, 2018[1979], p. 91)

Logo, o presente só adquire sentido quando relacionado às marcas do passado e às projeções de futuro, uma vez que a experiência humana se constitui no processo histórico e dialógico. Sendo assim, uma época só pode ser entendida plenamente quando se considera sua continuidade histórica, isto é, as experiências anteriores que a influenciam e as transformações que ela pode provocar adiante. No trecho “nunca estive num lugar tão sombrio quanto este” percebe-se um acúmulo de experiências ao longo do tempo que repercutem no presente.

O verbo “estive”, conjugado no pretérito perfeito do indicativo, indica momento pontual ou um período específico e delimitado, sugerindo uma comparação entre o momento presente e experiências anteriores. Assim, ao afirmar que “nunca estive”, a figura feminina evidencia que vivenciou diferentes emoções ao longo de sua trajetória e percebe o presente como o ponto mais intenso de sofrimento já experienciado. O uso do verbo, portanto, reforça que o sujeito avalia o presente a partir de vivências passadas.

Diante dessa breve análise, ilustra-se como o poema de Kaur (2020) traz sensibilidade ao tornar visíveis experiências de dor que, muitas vezes, são socialmente silenciadas, transformando o corpo em lugar legítimo de enunciação, percepção e, acima de tudo, presença no espaço comum. Por meio da linguagem utilizada e da representação gráfica, a autora dá voz às mulheres para construir um mundo comum e sensível à coletividade. Nessa perspectiva, é possível refletir acerca da concepção de produto ideológico proposta por Volóchinov (2017[1929]). Segundo o autor:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social- seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo- mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia (Volóchinov, 2017[1929], p. 91).

A partir da argumentação de Volóchinov (2017[1929]), percebe-se que todo produto ideológico é um signo, ele sempre aponta para algo além de si, pois *reflete* e *refrata*, ou seja, representa e ao mesmo tempo interpreta uma realidade social externa. O poema em análise representa não apenas uma condição individual da figura feminina, mas refrata uma condição e experiência social de várias mulheres. Nota-se, a partir disso, várias vozes que se reúnem para expressar a intensidade do sofrimento, da vulnerabilidade e da solidão. Logo, o poema é um signo ideológico, uma vez que materializa experiências subjetivas e sociais.

### CONCLUSÃO

A escrita de Rupi Kaur (2020) constitui um gesto de resistência e afirmação identitária, que rompe com os processos históricos de silenciamento e apagamento das experiências femininas. Nessa perspectiva, a literatura se revela como uma estética política, capaz de tensionar e questionar as estruturas sociais que incidem sobre os corpos femininos, transformando a dor e a vulnerabilidade em uma forma de enunciação perceptível e compartilhável. A partir disso, percebe-se que é por meio das memórias de experiências vividas que se manifesta o ato político da autora, pautado na escrita poética autobiográfica, na qual o verso e o desenho se tornam um espaço de visibilidade e contestação.

Do ponto de vista ideológico, a obra atua como signo, na perspectiva de Volóchinov (2017 [1929]), ao representar e refratar experiências sociais mais amplas. Ao materializar essas experiências em signos linguísticos, o poema transforma vivências individuais em discursos que circulam no espaço público, seja a partir do livro ou das redes sociais, estabelecendo novas possibilidades de percepção e interação social. Nesse sentido, os versos da escritora funcionam como um ato axiológico, valorativo e entonacional, pois, ao colocarem experiências historicamente silenciadas no domínio público, recompondo quem pode falar e quem pode ser ouvido.

A ação política, nesse sentido, se concretiza quando sujeitos, anteriormente considerados incapazes de falar, afirmam-se como participantes do comum, desafiando fronteiras que limitam seus papéis e abrindo novos espaços de enunciação. Assim, o poema não apenas materializa experiências individuais e



### III COLÓQUIO CAMINHOS DE PESQUISA DO GELLI

13 e 14 de maio de 2026

sociais, mas também amplifica vozes historicamente silenciadas, reafirmando o papel da linguagem poética como instrumento de resistência, sensibilidade e transformação coletiva.

#### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. (1979). **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. M. (1979). **Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

KAUR, R. **Meu Corpo Minha Casa**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2020.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. Prática de Análise Linguística/Semiótica no Processo de Leitura. *In*: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; HAMMES, Rosângela; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. (org.). **Prática de Análise Linguística nas Aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. p. 279-326.

KLEIMAN, Ângela; VIANNA, Carolina Assis Dias; DE GRANDE, Paula Baracat. A Linguística Aplicada na Contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. **Calidoscópio**, [s.l.], v. 17, n. 4, dez. 2019.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de Letramento e as Práticas de Sala de Aula. *In*: KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 6. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 71-92.

MARX, Karl (1867). **O Capital: Livro I**. Tradução Rubens Enderle. 2. ed. v. 1. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1848). **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 85-107.

VOLÓCHINOV, V. N. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.